

O BAIRRO

Alaor Chaves

Beto estava exausto quando entrou em casa. Chegava sempre cansado, pois para pagar as prestações do carro que usava para transporte por aplicativo e restar alguma coisa para as despesas ele trabalhava onze ou doze horas por dia. Mas naquele dia ele havia exagerado. Tinha levado um passageiro a um local distante e chegado a casa depois das nove, quinze horas depois de sair para o trabalho. Sua mãe via novela na sala, ele estranhou que Eunice não estivesse presente.

– Cadê a Eunice, mãe?

– Foi ver novela com a Cleusa. Como você telefonou avisando que ia chegar tarde ela aproveitou para ver a Cleusa e colocar a conversa em dia. Deve ter chegando, esse é o último bloco da novela.

Beto foi ao quarto de Vaninha. É possível que ela estivesse dormindo, mas acordou com a entrada do pai. E ao receber um beijo, ela sentou-se na cama, desperta de vez e querendo conversar.

– Não tou gostando da nova professora. Ninguém na sala tá gostando.

– O que há de errado com ela?

– Não explica nada direito. E passa muito para casa difícil, mamãe também não consegue fazer nem me ensinar.

– Tem um desses para casa pra me mostrar?

– Tão dentro da mochila – respondeu Vaninha apontando para a mochila encostada à parede.

Beto encontrou na mochila uns para casa feitos pela metade e os estava examinando. Achou que realmente estavam avançados para o segundo ano do primário, e também muito longos. Nisso Eunice chegou. Beto recolocou os papeis na mochila e foi para o seu quarto acompanhando Eunice. Mas a conversa não foi sobre a dificuldade de Vaninha com os para casa, sim sobre os problemas da Cleusa. Pois esta andava muito preocupada com seu filho Frederico, não sem muita razão. Frederico tinha quinze anos, e já não se conseguia nem mesmo fazê-lo ir à escola. Menino inteligente, mas desde pequeno muito rebelde. Mais recentemente, passou a desqualificar abertamente o próprio valor da escola.

– O pai fez até faculdade e ganha uma merreca dando aula no ginásio. Gosta de falar bonito, fica o dia inteiro com o notebook no colo, lendo e escrevendo. Diz que é escritor, mas não acha ninguém interessado em publicar o que escreve. Você tem o ensino médio e não consegue ser mais do que caixa de supermercado. Tem sentido uma coisa dessas, mãe? Estudar onze anos pra no fim ganhar menos que uma faxineira? Dá até dó ver você e o pai formados e trabalhando, mas não dando conta das despesas, queixando da carestia. Não quero essa vida pra mim.

Esse foi o relato de Cleusa, e havia ainda os boatos. No bairro falavam-se coisas sobre Fred. Eunice as ouvia, mas não tinha coragem de confirmar com a amiga. Primeiro, falou-se que ele estava andando com meninos do morro que fumavam crack. A gravidade dos boatos tinha um tom crescente. O bairro antevia um futuro triste para Fred, e o lamentava, não faltando, todavia, os que mostrassem uma alegria de hiena ao ver o menino enveredando-se no mal caminho, sem nem mesmo se compadecer dos pais desesperados. A crer nos boatos recentes, Fred já estava vendendo crack. Começou a vender para pagar o que devia ao dono da boca de fumo. O Jacaré, como outros distribuidores de drogas, era conhecido por matar quem não lhe pagasse o que devia, mas parece ter concluído que manter o Fred vivo lhe seria mais interessante; e deu-lhe a chance de escolha. No início ele o escalou como um aviãozinho que entregava o fumo ou o pó encomendado por telefone.

Mas Fred era um menino perspicaz e ambicioso, estava escalando os degraus hierárquicos do crime. Já andava com crack e cocaína escondidos na roupa e no tênis. Pelo celular, recebia pedidos de cocaína para ser entregue em endereços muito mais chiques que os daquele bairro. Eunice às vezes chorava, pois o semblante da sua amiga Cleusa parecia confirmar a boataria, e mais de uma vez ela vira Adélio, o pai do menino, sentado no sofá da sala com o notebook abandonado no colo, olhando para o teto com aquele olhar perdido dos desenganados. Eunice falou sobre o problema com Beto, que foi evasivo, mas pessimista. Eunice acabou concluindo que ele sabia mais coisas do que ela.

Como era sexta-feira e Beto havia encerrado seu trabalho antes das seis, Eunice propôs que fossem ao bar do Miguel. Preocupava-se com o filho da amiga, e também com sua própria filha Vaninha, que não gostava da professora e também não lhe parecia muito empenhada no estudo. Por isso, precisava espairecer, e o bar era muito bom para isso. BAR e ESPETERIA DO MIGUEL, esse era o nome que a placa comprida mostrava, e eram os espetos que atraíam tanta gente ao local. Miguel, que havia trabalhado como churrasqueiro, herdou a casa decadente da mãe, com frente ampla e passeio largo. Fez uma hipoteca no banco para reformar o local. Quase toda a construção foi transformada em espaço para o bar, e com um pequeno puxado para o fundo Miguel completou o que precisava para acomodar sua família. Ficou bem feito e prático. Era na calçada que Miguel assava seus espetos e também colocava cinco das dez mesinhas do bar. À noite era sorte achar uma mesa vazia, e nos fins de semana parte da clientela sentava-se na calçada ou levava espeto para comer em casa. Miguel era realmente bom no espeto, no torresmo e no feijão tropeiro.

Quando Eunice falou no bar, Beto não vacilou. Lavou apenas o rosto e saiu falando que estava indo para guardar uma mesinha. Na calçada havia duas mesas vagas. Beto apontou para uma delas falando “aquela é minha” e se aproximou de Miguel, que estava soprando o braseiro em uma das churrasqueiras com um secador de cabelo. Miguel, que acompanhava Beto com os olhos, demonstrou seu contentamento. Os dois tinham quase a mesma idade e eram amigos.

– Beetoo! Veio na frente para garantir mesa. Podia ter ligado, pra você eu guardaria uma. Mas fico feliz, pois assim a gente conversa.

– Tá aí na luta, irmão. E não é de agora, já vejo uma ou outra sujeira no avental.

– Acabei de fazer o primeiro tropeiro e sou meio desatento.

– E o galo, quando vai mandar o técnico embora?

– Pois é. Dá pra entender como um cara desses ganha um milhão por mês?
– Amanhã a gente tem pelo menos uma alegria: o galo vence ou o técnico vai embora. Tou mais é torcendo pro time perder.

O Paulo Cará, sentado barulhentemente em uma das mesas com outros cruzeirenses, aproveitou a choradeira pra tirar sarro.

– Vai empatar na prorrogação, e aí dão prorrogação também pro técnico. Pois o galo não tem nem mesmo diretoria. Esse ano vai lutar é contra o rebaixamento, se houver comemoração será por não ver o time na segundona.

– Tá vendo o que é vida de dono de bar, Beto?

– Por que não passa a cobrar mais caro de cruzeirense?

– O Miguel tem é de agradecer a Deus pela nossa presença. Tá rachando de ganhar dinheiro de cruzeirense.

– Traz mais cerveja pra mesa do Cará, Arlindo, e prepara mais algum torresmo.

– E capricha no torresmo – completou Cará. – Cruzeirense tá acostumado com coisa boa.

Não demorou que o bar lotasse. E como dois pares de mesas se juntaram, Miguel ganhou espaço para colocar mais uma mesa na calçada. De uma mesa se ouvia a conversa da outra e a gente vizinha se intrometia. Com isso os assuntos vinham em ondas que cobriam toda a calçada. Falou-se de tudo, as vísceras do bairro foram expostas. Xingou-se também o prefeito, que não cuidava dos buracos na rua, queixou-se dos cretinos que tinham votado nele. Lamentou-se a morte do Quincas, cujo coração envelhecido não aguentara o segundo ou terceiro infarto. A viúva estava inconsolável, testemunhou-se. A filha que viera de São Paulo para o enterro não havia voltado pra casa, e insistia que a mãe fosse passar uns tempos com ela. A filha do Pedro Padeiro, que não tinha nem quatorze anos, havia se engravidado de um malandro, mas ele não permitia o casamento. Educaria o neto até que a filha arranjasse algum marido que prestasse. O filho do Leandro tinha chegado dos Estados Unidos. Rapaz até trabalhador e honesto, mas o Trump o havia deportado. Falou-se também de coisa boa, e cada um tinha uma novidade para contar. A menininha da Consolação tinha nascido e era uma gracinha.

Ernesto, que havia juntado sua mesa com a do Beto, acabou tocando no caso do Fred. Ernesto era bem informado, e sabia filtrar as muitas coisas que ouvia sobre o bairro e sua gente. E como era barbeiro, ouvia muito. “Não há mais retorno para o Fred”, Ernesto afirmou. “E ele tem ambições. É na idade dele que costumam se revelar os que se tornam os chefes nesse mundo do crime. Um mundo de muita precocidade, e o Fred é um desses precoces”. E Ernesto com certeza falou menos do que sabia. Não mencionou detalhes, restringiu-se ao essencial. Ao ver Eunice acabrunhada, mudou de assunto. Gostava dela e havia entre eles uma coisa em comum: ele era barbeiro, ela era cabeleireira. Mas nos salões de beleza femininos os assuntos eram diferentes. Muito se falava de namoros, de mulheres que estavam traindo os maridos ou sendo traídas por eles, de festas de aniversário e da qualidade de tintas para o cabelo. Mas ela também ouvira comentários sobre o Fred, que pareciam confirmar o que Ernesto prenunciava.

Aquela semana do bairro foi marcada por um acidente inusitado. Na Rua Itabira, a enxurrada havia aberto um buraco no asfalto. O bairro se sentia contente por não ser praguejado pelos alagamentos que ocorriam em outros. E era sorte que nos vendavais não caíssem muitas árvores, até porque nele havia poucas. A prefeitura não

havia plantado árvores naquele bairro esquecido. Bem que um ou outro morador tivesse plantado árvore em seu passeio, mas isso era insuficiente, o que tornava o bairro calorento e feio. Mas em compensação o livrava das quedas de árvores, que em outros locais destruíam muros e casas, além de eventualmente ferir ou matar pessoas. Nem deslizamentos ocorriam tantos, pois havia poucos morros perigosos.

Mas aquele buraco não foi consertado, embora as muitas reclamações. Os carros se desviavam daquela faixa da rua, alguns pacientemente, outros com gestos e xingamentos, pois o buraco só aumentava. Ele acabou expondo também as manilhas do esgoto, e talvez a companhia e água e esgoto também não tivesse se empenhado o bastante junto à prefeitura para que o problema se resolvesse. O resultado de tanto descuido foi que buraco acabou causando a morte do Ermelino. Bebia um pouco demais o Ermelino, mas esse excesso não pode ser usado para justificar sua morte. Ele andava pela rua naquela tarde, e nem havia bebido muito. Foi quando no céu apareceu um helicóptero da polícia circulando, examinando um dado ponto, e Ermelino começou a acompanhar com os olhos os seus volteios. Ele sem dúvida sabia do buraco, mas se distraiu. Caiu nele e por azar bateu com a cabeça na manilha. A morte pode ter sido instantânea, pois quando o socorreram já era tarde. Houve lamentação e solidariedade à família de Ermelino, além de ofensas ao prefeito. Mas o bairro era também gaiato, e não demorou que o episódio passasse a ser conhecido como 'o acidente de aviação na Rua Itabira'.

A nova professora da escola primária municipal realmente descontentou demasiadas crianças, as queixas da Vaninha não eram infundadas. Muitas crianças se queixaram e seus pais levaram essas queixas à diretoria da escola. A diretora era diligente e reconheceu que a questão precisava ser elucidada. O mero exame dos para casa da professora foi suficiente para demonstrar seu exagero. As mães que afirmavam não ter tempo nem competência para ajudar seus filhos foram entendidas. A professora, uma temporária contratada para preencher uma vaga, era uma incompetente. Não se ignora que muitos incompetentes iludem os outros e sobrevivem impunes, mas aquela professora tinha cometido o erro de encobrir sua incapacidade de ensinar apresentando-se como uma professora exigente, que cobrava empenho dos alunos, e não menos das suas mães, que "devem exercer seu papel de educadoras dos seus filhos". Ela foi mandada embora e uma substituta foi encontrada. E essa, mais sinceramente comprometida com o dever de ensinar, estudava a matéria e se esforçava para que as crianças entendessem suas explicações. Estas perceberam rapidamente a mudança. Chamavam a novata de tia com carinho e sinceridade, e com liberdade pediam esclarecimento das questões não entendidas.

Mas muitas crianças se sentiram infelizes quando se anunciou a proibição de uso de celular na escola. Como é possível uma pessoa passar horas sem contato com o mundo? Para várias crianças, meia hora era o tempo máximo que conseguiam ficar sem entrar nas redes sociais, algumas achavam tolerável ficar até uma hora. Mas quatro horas sem abrir o celular! O fim do mundo! Houve crises de incontinência, houve desafios ostensivos à inacreditável regra. Crianças não entregavam seus celulares ao chegar à escola, escondiam-nos desligados sob suas roupas. E durante as aulas os ligavam e os mantinham escondidos abaixo das carteiras, olhando mensagens e dedilhando respostas, com o som desligado ou muito baixinho. Mas os professores estavam instruídos sobre o problema, e rapidamente notavam alunos que mantinham os olhos abaixados, em vez de atentos à aula. Professores apareciam inesperadamente para tomar os celulares. As crianças se revoltaram, algumas se

negavam a ir às escolas, e muitos pais reverberaram sua revolta. Isso é incabível, coisa da laia da lei seca dos anos 1920 nos EUA, da proibição dos biquínis e das brigas de galo de Jânio Quadros. Um pai, mais contestador e um pouco instruído, lembrou o *Index Librorum Prohibitorum* da Igreja Católica renascentista. Mas não se conseguiu reverter a proibição, e para surpresa de todos as crianças se adaptaram. Esqueceram seus celulares, passaram a se socializar nos intervalos recreativos, e em pouco tempo entenderam para o que serve a escola. Os pais voltaram a ficar felizes, os poucos ainda revoltados recolheram as suas armas, e a ordem se impôs. Foi bom para o bairro e para os pais. E as crianças também viram que aquilo era bom, como, segundo a Bíblia, também Deus concluíra ao observar algumas das suas criações.

Em início de abril as chuvas tinham cessado, e aos poucos o bairro se ressecava. A poeira o enfeava e todo mundo sabia que até outubro as chuvas seriam raras e pequenas. O frio havia aumentado, mas por sorte também já era junho, mês das festas que toda a periferia cultivava. No bairro, em uma praça as festas de Santo Antônio, São João e São Pedro eram costumes sagrados, e apoiados pelas autoridades, e essas as maiores festas juninas da vizinhança. Mas festas menores eram muitas e espalhadas. Lotes vazios eram limpos para isso, a prefeitura liberava também alguns pontos na rua. Sanfoneiros e violeiros eram assediados, costureiras se ocupavam em fazer vestidos de chita, lenha boa era encomendada. Nas festas, o milho assado, a canjica, a pamonha e o quentão disputavam com a quadrilha o interesse dos presentes. Namoros eram iniciados, outros eram rompidos por traição ou ciúme infundado. Meninas adolescentes aproveitavam a ocasião para arranjar o primeiro namorado. Os rapazes sabiam disso e ficavam atentos às mais belas flores que haviam desabrochado naquele outono, e empenhados em disputá-las. O ciclo das estações e da vida não havia penetrado suas mentes, e para eles aquelas flores eram as primeiras e também as últimas; meninas iguais a elas não surgiriam nunca mais. Nem mesmo as crianças dormiam antes da meia-noite. Lamentou-se quando o mês declarou-se encerrado, mas deu-se um jeito de arranjar uma ou outra festa para algum santo de menor celebridade.

Severino era um homem querido no bairro. Tinha seus setenta anos, e por mais de trinta anos viveu naquela mesma casa. A maioria dos residentes o conheceu nela quando veio morar por ali. Viera do Caetité, e sua história um tanto incomum era conhecida. Aos vinte e dois anos se casara com Adriana, que tinha apenas quinze. Tinha conhecido Adriana quando ela tinha doze anos e ainda brincava com boneca. Enfeitiçou-se pela menina e conseguiu permissão dos pais dela para um namoro. Claro, cauteloso e sob a observação da mãe, às vezes algum passeio acompanhado pela tia beata. Severino não frequentara escola e Adriana fizera apenas o primário, mas Severino era inteligente e valorizava a educação que ele não teve e que sua mulher teve pouca. E era também um lutador. A um marceneiro da cidade, servira ainda muito jovem como aprendiz, e em pouco dominara o ofício. Mas não demorou que Caetité lhe parecesse um lugar pequeno, e só com trinta anos de idade viesse para Minas, trazendo a mulher e os três filhos. Achou que Belo Horizonte era um bom local, ele queria que seus filhos um dia cursassem faculdade, e na cidade havia muitas. Trabalhou duro a vida toda, aos setenta anos ainda fazia móveis sob encomenda. Seu filho Camilo havia se formado em engenharia pela Universidade Federal de Minas Gerais, trabalha na Vale e morava em Mariana. Aline, formada em

química, trabalhava em um laboratório de manipulação de remédios. Felipe formou-se em economia, também na universidade federal, e deu-se bem na vida, mas dava pouca atenção aos pais. Já Camilo, era especialmente amoroso. Não ficava um mês sem visitar os pais, e lhes trazia presentes e principalmente seus filhos, para que eles aprendessem a amar os avós. Insistia em dar dinheiro para que seus pais vivessem uma vida melhor, mas Severino não aceitava. “Educa bem os seus filhos, Camilo, seu melhor presente para mim é educar meus netos.” E também Aline era uma filha atenciosa. Severino e Adriana levavam uma vida feliz e eram orgulhosos dos seus filhos. Severino tinha sua aposentadoria, o aluguel de uma segunda casinha que construía e o dinheiro que recebia por um ou outro móvel que fazia, isso lhe era mais que o bastante. Mas aquele câncer súbito invadiu o corpo de Adriana. Primeiro o seio, depois o cérebro, e em dois anos a matou.

Severino não se consolava, não conseguia viver sem Adriana, que já menina o encantou e por toda a vida foi seu grande amor. Ele não queria fazer mais arca, nem mesa nem guarda-louças, não quis fazer mais nenhum móvel. Sossegou-se um pouco, mas deixou de ser o Severino alegre que o bairro conhecia. Mantinha uma empregada de meio expediente, que também viera da Bahia, que comparecia todo dia para fazer sua comida, limpar a sujeira da casa e lavar sua roupa. Antes do meio dia, tudo estava pronto e Clara ia embora. Severino tinha um terno bom, antigo, mas em perfeito estado. Um dia, ele pediu: “Clara, arruma aquele terno meu, hoje quero usá-lo.” No dia seguinte, ao chegar para o trabalho ela encontrou Severino morto, vestido com o terno, deitado de costas na sua cama.

O bairro se comoveu. Interpretações diversas foram formuladas para o caso. Alguns tentaram ver tudo como um acidente. Severino iria a algum evento, e queria se apresentar bem vestido. Mas sentiu-se mal e deitou-se na cama, onde finalmente morreu. Mas essa narrativa convenceu muito poucos. Até mesmo porque ninguém conseguia apontar no bairro algum evento naquela quarta-feira, um casamento ou outra cerimônia solene, ao qual Severino planejasse ir.

Cleusa apareceu na casa de Eunice, e logo que esta lhe abriu a porta caiu em prantos. Custou a se acalmar para expor seu desespero. “O Fred está distribuindo drogas, a alegre maledicência da vizinhança se confirmou. Ele não chega mais em casa antes da meia-noite. Agora tem até iphone. Tem vários, cada um usado para propósito específico, e todos eles são apócrifos. Esperei ele chegar esta madrugada, chorando. Ele tirou do bolso um maço de notas de cem, separou trinta notas e colocou na minha mão. “Toma esse dinheiro, mãe. Numa noite eu ganho mais do que você ganha num mês, e vou te dar dinheiro para levar uma vida melhor. Vou prosperar, minha próxima meta é pegar o produto dos que o recebem diretamente dos contrabandistas. O Jacaré e outros que disputam o mercado desse bairro são peixe miúdo, tenho pouco a ver com eles. Daqui a no máximo dois anos dependerão de mim para obter o fumo e o pó.” Eunice abraçou a amiga, coçou seu cabelo na altura da nuca. Seu coração também estava partido, Cleusa finalmente descobrira o que o bairro há tempo sabia. Eunice não retornou ao salão de beleza, ligou para a patroa explicando que não poderia ir naquela tarde. Conversou com a amiga por horas. No final da tarde a acompanhou até sua casa, que era próxima. Adélio estava sentado na sala feito um zumbi, nem o notebook trazia no colo. “Perdemos o nosso filho, Eunice, os traficantes o roubaram de nós” foi a resposta que ele deu ao cumprimento de Eunice, que não soube o que responder.

No bairro a vida prosseguia, com suas tristezas e alegrias, raramente igual ou inzoneira. Se uma semana trazia o seu drama, outra logo vinha com a consolação. Mas há dramas que crescem, prenunciados, para se tornarem maiores, e ninguém consegue prever o seu como nem o seu quando. Fred desfilava pelas redondezas com o colar grosso de ouro no pescoço, desafiador, confiante. Em toda a cidade, o inimigo que criminoso teme é outro igual, não a polícia, e contra ele uma macumbeira atestava ter fechado o corpo de Fred. Mas ela falhou e ele não chegou a completar dezesseis anos. Fred desafiara Jacaré, que chefiava a distribuição de drogas no bairro, e ainda os chefes de bairros vizinhos. Tinha levantado o topete cedo demais, era de fato pouco provável que um deles não lhe barrasse o caminho. Um dia amanheceu perfurado de balas, de bruços sobre uma poça do próprio sangue. A notícia abateu Cleusa como um raio, mas no velório ela estava sedada, quase alheia à própria desgraça. Talvez por isso as pessoas tivessem ficado mais condoídas de Adélio, que se comportava de maneira patética, falando infindavelmente como se estivesse escrevendo ou declamando um novo livro. “Treze balas perfuraram seu corpo, nada mais nada menos, e por volta havia mais de trinta cartuchos”... “Não se contentaram em matar meu filho, fizeram questão de estraçalhar seu corpo”... “Uma gang de bandidos contra meu filho, uma criança”... “A vida foi forte demais para meu coração, esse pobre coração despedaçado”.... “A realidade é mais poderosa que os sonhos e é corrosiva, lentamente os dissolve”. Alguém afirmou que o que ele falava era poesia, o que levou a um atento silêncio. Mas, baixinho, se chorava mais.